



Literatura e Cultura Moçambicana

Profa. Ma. Janaira
Rodrigues

Introdução

- Moçambique é o país , cujo território os portugueses aportaram em 1498 e que conquistou a independência somente em 1975.
- Após a independência, Moçambique adotou oficialmente a língua portuguesa, embora atualmente ela seja falada por apenas 10% da população do país.
- A história de Moçambique encontra-se registrada em documentos desde o século X, quando um viajante árabe relatou haver no território uma importante atividade comercial entre algumas nações da região do Golfo Pérsico e os negros das terras de Sofala(província de Moçambique).
- Estas incluíam grande parte da costa norte e centro do atual



O começo da ocupação portuguesa

- No final do século XV, com o avanço das naus portuguesas pela costa oriental da África, a região foi objeto de atenção da Coroa de Portugal, por conta especialmente do comércio do ouro já existente no território. Os portugueses edificaram na região duas fortalezas: uma em 1505, em Sofala; e a segunda em 1507, na Ilha de Moçambique.
- Quando os portugueses aportaram em Moçambique, os árabes já estavam há muito no território e haviam fundado entrepostos comerciais na região. Além da fortaleza de Sofala, referida desde o século X, havia os entrepostos Quelimane, Angoche e a Ilha de Moçambique.
- Os portugueses encontraram muita resistência por parte dos povos da região e essa ocupação não foi de modo algum pacífica. No entanto, o comércio do ouro e do marfim e, mais tarde, o comércio de escravos faziam valer para a Coroa portuguesa a empreitada.

As lutas pela independência

- No século XX, porém, Moçambique travou contra Portugal, seguindo o exemplo de Angola e da Guiné Bissau, uma luta pela independência.
- Após a conquista da independência, Moçambique mergulhou em uma guerra interna que durou cerca de 16 anos e arrasou o já combalido país, destruindo sua precária infraestrutura, sem contar o número de mortos resultante de uma disputa pelo poder impetrada pelas frentes que lutaram pela independência da nação.
- Em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz entre o governo da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, criado em 1962) e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo, criado em 1975) – os dois principais movimentos políticos do país –, a guerra chegou ao fim, mas o saldo desse conflito bélico foi extremamente nocivo para a jovem nação.

(AMORIM ,2015)



Aspectos políticos

- A Ilha de Moçambique é uma cidade insular que se liga ao continente atualmente por uma ponte de cerca de 3 km de comprimento.
- A ilha situa-se junto à Província de Nampula, localizada no norte do país, e foi a primeira capital de Moçambique.
- Em 1996, a Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) elegeu-a Patrimônio Mundial da Humanidade, pela rica história e pelo seu interessante patrimônio arquitetônico.



Aspectos políticos

- Após 1975, o país adotou oficialmente o português como idioma, embora existam muitas línguas nacionais como o cicopi, cinyamja, cinyungwe, cisenga, cishona, ciyao etc.
- A realidade cultural de Moçambique é um exemplo de variedade etnolinguística.



Curiosidades

- No início do século XVI, a Coroa portuguesa viu a importância da ocupação do litoral de Moçambique como ponto estratégico de apoio para as viagens à Índia. A Ilha de Moçambique foi a primeira cidade importante da região, antes da instituição de Lourenço Marques como capital durante o período colonial, e para ela confluíram diferentes povos, anteriormente à dominação portuguesa.
- É possível verificar, não só na arquitetura e nas manifestações artísticas locais, a influência de vários povos que habitaram a ilha, como também na constituição física de seus habitantes.
- Pela ilha passaram e estabeleceram-se árabes, persas, indianos e chineses, além dos portugueses. Ainda hoje, encontram-se a mesquita e o **minarete** árabes, um templo islâmico, além de igrejas católicas e templos hindus.
- Segundo os biógrafos do poeta português **Luís Vaz de Camões**, também o poeta teria vivido por dois anos na ilha depois de ter deixado Goa (Índia) em seu regresso a



Curiosidades

- Antes da chegada dos portugueses à região de Moçambique, havia um importante reino no local que administrava a extração de ouro e cobre das minas da região.
- Era o reino do Monomopata, que ocupava a região do Zimbábue, estendendo-se até a costa de Sofala e Moçambique.
- Na Ilha de Moçambique havia um xeque árabe, do qual pouco se sabe, cujo nome era Mussa Bem Mbiki ou Mussa A'l Bik, que deu origem ao nome da ilha (Moçambique) .



Sobre o período colonial

- Após a construção das fortalezas da Ilha de Moçambique em 1507 e de Sofala, ocorrida dois anos antes, os portugueses iniciaram movimentos de reconhecimento do interior da região, onde estabeleceram duas feitorias: Sena (1530) e Quelimane(1544).
- O escopo de adentrar o território já não era simplesmente o controle do escoamento do ouro, mas o de dominar o acesso às zonas que o produziam.
- A essa incursão para o interior com fins comerciais, que será conhecida mais tarde como fase do ouro, seguiram-se duas fases de grande exploração mercantil: a fase do marfim e a fase dos escravos. O marfim e os escravos saíam da região através das **feitorias** e **prazos** da Coroa.
- **Os prazos eram uma espécie de feudo** com atividade comercial dirigidos por senhores locais. Embora fossem autônomos em relação às autoridades portuguesas, os senhores dos prazos reinavam sobre terras supostamente portuguesas e deviam à Coroa o pagamento de um foro.
- As feitorias e os prazos constituíram a forma inicial da colonização portuguesa em Moçambique.

Século XIX

- Na primeira metade do século XIX, Moçambique não é mais do que um conjunto de feitorias isoladas, e a autoridade portuguesa se restringe às aldeias onde havia alguns poucos funcionários portugueses ou mestiços malremunerados, militares e representantes da administração das alfândegas que buscavam exercer o controle do comércio na colônia que já apresentava um déficit orçamentário significativo.

Amorim (2015)

Século XIX

- A exploração comercial continuava, mas o “comércio” negreiro já sofria restrições. Porém, mesmo com a abolição oficial da escravatura em 1836, muitos negros da região de Moçambique continuaram a ser levados para outras regiões. Na Ilha de Moçambique, onde desde o século XVII havia muitos negreiros estabelecidos, esse negócio já não era mais tão lucrativo, especialmente após a independência do Brasil.

(Amorim , 2015, p.105)

Século XIX

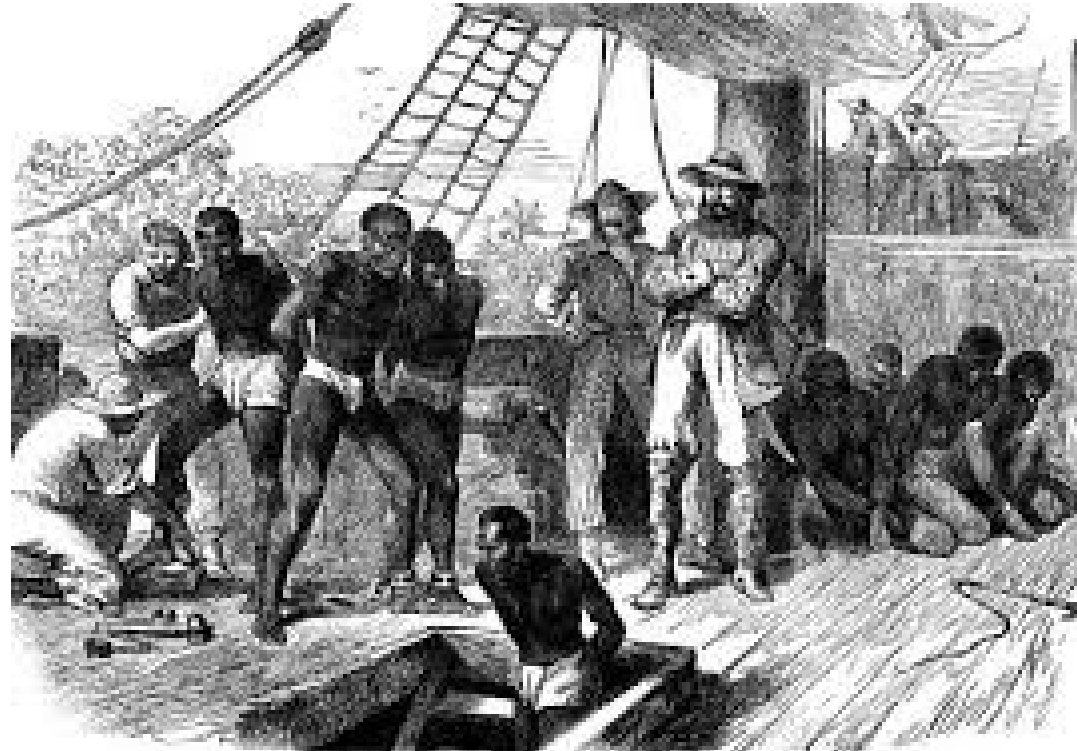
- No período áureo do **tráfico negreiro**, os negros da região do Zambeze e de Moçambique foram levados especialmente para as ilhas Mascarenhas e Madagáscar, para a região do golfo pérsico, para o Brasil e para Cuba.
- Os negros capturados em Moçambique eram principalmente da etnia banto e os que vieram para o Brasil desembarcaram, em sua maioria, em Pernambuco, Minas Gerais e no Rio de Janeiro.



Navio negreiro francês
Fotografia de Marc
Ferrez

O NAVIO NEGREIRO- TRAGÉDIA NO MAR Castro Alves

- https://youtu.be/3j8XoDSOA-E?si=X7j_edKIbRuVG-mT

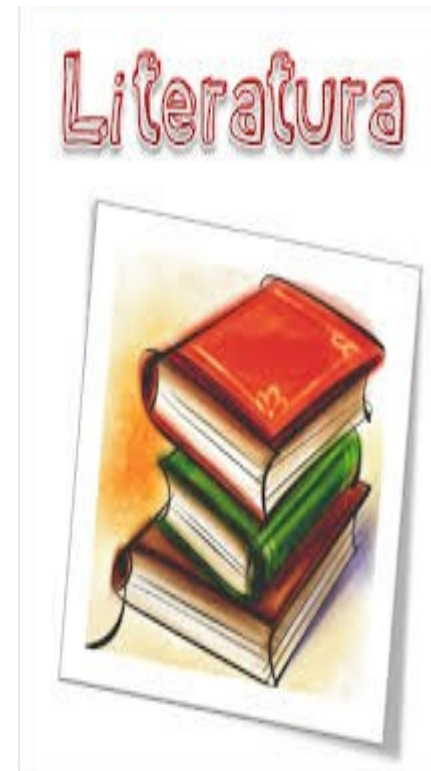


Segundo Amorim (2015) :

A exploração do território transcorreu continuamente, porém, foi somente em 1885, quando as principais potências europeias, na Conferência de Berlim, decidiram partilhar a África, que os portugueses, desistindo de tomar posse do território intermediário entre Moçambique e Angola a fim de estabelecer uma comunicação por terra entre as duas colônias, resolveram ocupar militarmente o território moçambicano e instituir na região uma administração colonial que defende suas fronteiras ante a ameaça das intenções de ocupação dos outros países europeus.

Surgimento da escrita em Moçambique

- Apesar da pauperidade da colônia, explorada pelo colonizador, no século XIX, em Moçambique, começa a surgir uma imprensa incipiente, ligada às questões coloniais.
- Em 1857, por exemplo, circula o periódico *Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Moçambique*, convertido praticamente um século depois (1951) no *Boletim Oficial da Colônia de Moçambique*.
- Em termos literários, as publicações de maior relevância só ocorreram no século XX, quando, em 1909, os irmãos José e João Albasini fundam *O Africano* e, em 1918, *O Brado Africano*.
- Segundo o pesquisador português Pires Laranjeiras, a literatura moçambicana divide-se fundamentalmente em cinco períodos: O 1º - Insipiência, o 2º - Prelúdio, o 3º, Formação, o 4º, Desenvolvimento e o 5º, Consolidação.



1º período - Insipiência

- Abrange a permanência dos portugueses até 1924.
- Diz-se período de insipiência devido à aparente inexistência de produção literária, cenário que se modifica com a introdução do prelo (antigo material tipográfico, para impressão de textos) no ano de 1854.
- Nesse período, sobressaem textos de Campos Oliveira.

O pescador de Moçambique - Campos Oliveira

Eu nasci em Moçambique,
de pais humildes provim,
a cor negra que eles tinham
é a cor que tenho em mim;
sou pescador desde a infância,
e no mar sempre vaguei;
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei.

Antes que o sol se levante
eis que junto à praia estou;
se ao repouso marco as horas
à preguiça não as dou;
em frágil casquinha leve,
sempre longe do meu lar,
ando entregue ao vento e às
ondas sem a morte recear.

O pescador de Moçambique - Campos Oliveira.

Ter contínuo a vida em risco é triste
coisa – sei que é!

mas do mar não teme as iras quem
em Deus depõe a fé;

é pequena a recompensa

a vida custosa assim;

mas se a fome não me mata

que me importa o resto a mim?

Vou da Cabeceira às
praias,atravesso Mussuril,

traje embora o céu d'escuro,u todo
seja d'anil;

de Lumbo visito as águas

e acimo vou até Ganoul

chego depois ao mar-alto

sobre o note ou ruja o sul.

Só à noite a casca atraco

para o corpo repousar,

e ao pé da mulher que estimo ledas
horas ir passar:

da mulher doces carícias

também quer o pescador,

pois d'esta vida os pesares

faz quase esquecer o amor!

Sou pescador desde a infância e no mar sempre vaguei;
a pesca me dá sustento,
nunca outro mister busquei;
e enquanto tiver os braços,
a pá e a casquinha ali,
viverei sempre contente
neste lidar que escolhi!

- José Pedro da Silva Campos Oliveira (1847-1911) foi um poeta e contista moçambicano.

2 período - Prelúdio

- Começa com a publicação de O livro da dor, de João Albasini (1925), até o fim da II Guerra Mundial, incluindo, além dessa obra, os poemas dispersos de Rui de Noronha nos anos 1930, depois publicados, postumamente, em livro com o título Sonetos (1946), por ter sido o gênero mais cultivado por ele.
- Rui de Noronha (1909-1943) foi poeta moçambicano, filho de um cidadão goês (Goa- Índia) e de uma princesa zulo de Durban, Natal. Publicou boa parte dos seus poemas entre 1932 e 1936, no jornal, O Brado Africano.
- Este inova, pelo fato de, pela primeira vez, um autor expressar-se “sem papas na língua” sobre os problemas do africano(moçambicano)para o africano.Tenhamos como exemplo o poema “Surge et ambula”.

Rui de Noronha

Surge et Ambula

Rui de Noronha

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! e o mundo rola, o mundo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E tu dormes no outro o sono teu infinito...

A selva faz de ti sinistro eremitério
Onde sozinha à noite, a fera anda rugindo...
Lança-te o Tempo ao rosto estranho vitupério
E tu, ao Tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta! Já no alto adejam negros corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos
Teu sangue ainda quente em carne de sonâmbula.

Desperta! O teu dormir já foi mais que terreno
Ouve a voz do Progresso, este outro nazareno
Que a mão te estende e diz:
África, surge et ambula!

Para Amorim (2015)

- Rui de Noronha também trabalhou formas mais libertas de constrangimentos e versou temas relacionados a tradições nativas de Moçambique, como no caso do celebrado poema “**Quenguelequêzê**”.
- Nota-se também a inversão de certa mitologia propagandística da história colonial que Rui de Noronha operou poeticamente, desfazendo a versão de um Mouzinho de Albuquerque como herói destemido e de um Ngungunhane, imperador, derrotado, dominado e humilhado. Vejamos o poema “Pós da história”.

Pós da história- Rui de Noronha

Caiu serenamente o bravo Quêto
Os lábios a sorrir, direito o busto
Manhude que o seguiu mostrou ser preto
Morrendo como Quêto a rir sem custo.

Fez-se silêncio lúgubre, completo,
no craal do vátua célebre e vetusto.
E o Gungunhana, em pé, sereno o aspecto,
Fitava os dois, o olhar heróico, augusto.

Então Impincazamo, a mãe do vátua,
Triunfando da altivez humana e fátua,
Aos pés do vencedor caiu chorando.

Oh dor de mãe sublime que se humilha!
Que o crime se não esquece à luz que brilha
Ó mães, nas vossas lágrimas gritando?

Interpretação do poema

No poema *“Pós da história”*, Noronha aborda a felicidade de quando Gungunhana, o último imperador do reino de Gaza, ainda reinava e sobre como o seu país era um só, feliz e autêntico, destacando o antigo imperador como o herói da nação, visto ter sido ele o último a sucumbir aos portugueses. Na segunda estrofe, por sua vez, percebe-se a ideologia da unidade moçambicana, como a mãe que chora por ver seus filhos sofrerem nas mãos dos estrangeiros. Nota-se que o poema inclui palavras que não pertencem à língua oficial do país, que é o português, representando um aspecto importante da moçambicanidade, pois traz elementos da cultura que são parte da sociedade como um todo, a partir de línguas locais, vivenciadas pela maior parte dos moçambicanos.

JAYNNE EXPEDITA ALVES RAIMUNDO (2025)

3º período - Formação

- Segundo Amorim(2015) após a Segunda Guerra Mundial, já se pode falar de um período de formação da literatura moçambicana. De acordo com a autora a partir do estudo de Pires Laranjeira (1995),
- O 3º período (Formação), que vai de 1945/48 a 1963, caracteriza-se pela intensa formação da literatura moçambicana.
- Pela primeira vez, uma consciência grupal instala-se no seio dos escritores, tocados pelo neorrealismo que já se fazia sentir em Portugal e, a partir dos primeiros anos de 1950, pela Negritude.

A mãe da poesia moçambicana

- A poetisa Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares (1926-2003) mais conhecida como Noémia de Sousa é um importante nome desse período de formação.
- Com o seu “Sangue negro”, Noémia de Sousa fala da mulher negra para além da denúncia, fugindo dos estereótipos da cultura/literatura colonial × cultura/literatura local, além de usar estilemas oralizantes, tão importantes na tradição cultural dos países africanos.



Recitação do poema Sangue Negro de Noêmia de Sousa

- <https://youtu.be/32fvkAqVR5o?si=Oi0mAvylg1uZ9zxA>

Características da produção moçambicana

- Além de temas que tratavam da condição do negro e da negritude, a literatura produzida em Moçambique incorporava os aspectos da tradição cultural africana, como a **oratura** que resgata a dimensão “**griótica**” do texto africano.
- “[...] nas literaturas africanas (não só as de língua portuguesa) encontramos um uso extraordinário dos recursos da oralidade como técnica singularizante destas literaturas.” (PORTUGAL, 1999, p.35).

Oratura

Nessas culturas de predomínio oral, compreende o emprego de provérbios, adivinhas, lendas e histórias transmitidas por meio de métodos mnemônicos que se utilizam de repetições ritmadas, a fim de perpetuar a memória coletiva através dos tempos e de gerações.

Griótico

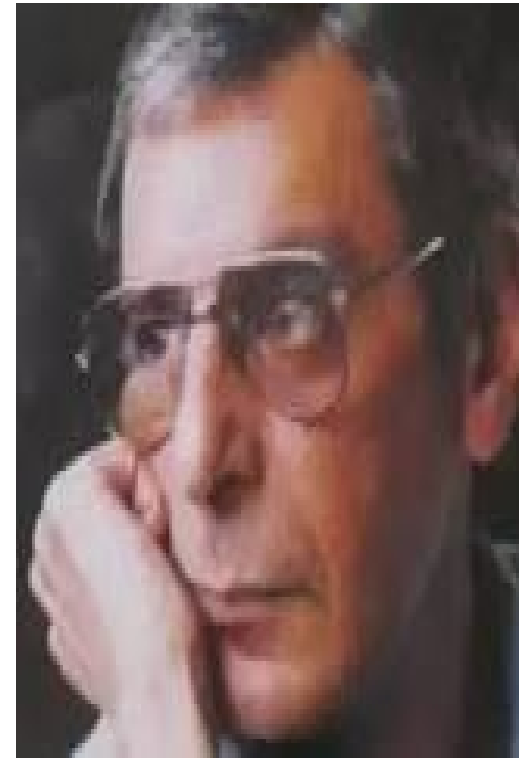
Neologismo oriundo da palavra *griot*. O *griot* era o contador tradicional de histórias na África. Além da literatura oral (oratura), o *griot* detinha as funções de poeta, cantor e músico e, muitas vezes, exercia nos grupos sociais funções mágicas.

Outros escritores importantes do 3º Período de Moçambicano

- Fonseca Amaral
- Orlando Mendes,
- Virgílio de Lemos
- Rui Guerra
- Alberto Lacerda
- Reinaldo Ferreira
- Domingos de Azevedo
- Augusto dos Santos Abranches
- Cordeiro de Brito
- **Rui Knopfli**
- **José Craveirinha** (poeta nacional por excelência).

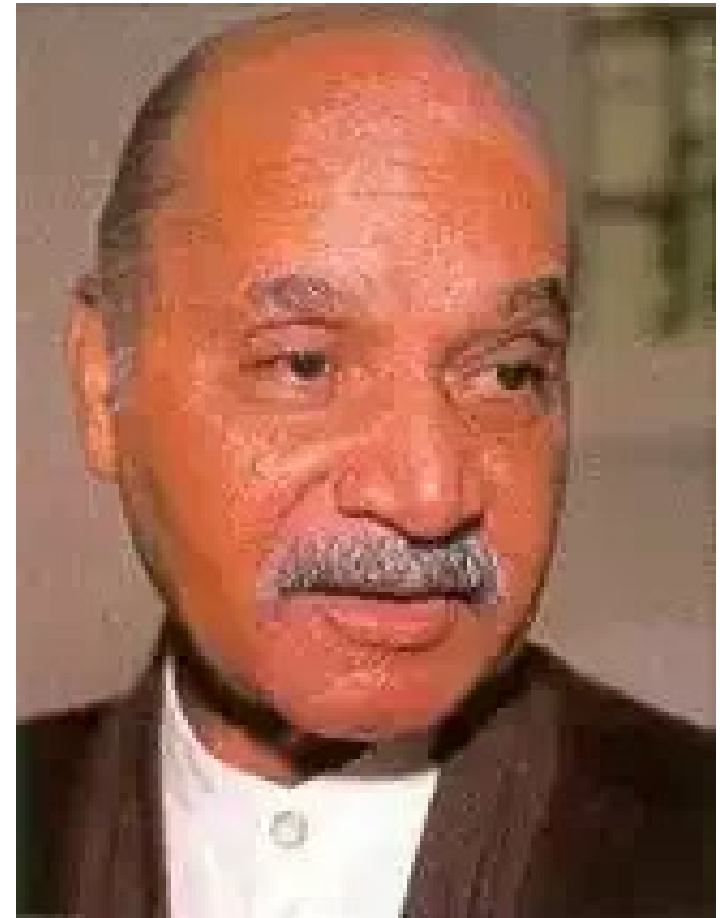
Rui Knopfli (1932-1997)

- Poeta e jornalista moçambicano nascido em Inhambane. Sua estreia na literatura deu-se com o livro *O país dos outros* (1959). Lançou os dois cadernos de poesia Caliban (1971-1972).
- Trabalhou como adido de imprensa na delegação portuguesa à Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque (1974), onde participou dos trabalhos da Comissão de Descolonização. Publicou ainda *Memória consentida* (1982) e em 1984 recebeu o prêmio de poesia do Pen Clube.



José Craveirinha

- José João Craveirinha é considerado o poeta maior de Moçambique.
- Em 1991, tornou-se o primeiro autor africano galardoado com o Prémio Camões, o mais importante prémio literário da língua portuguesa.
- 1922-05-28 Maputo, Moçambique
- 2003-02-06 Maputo, Moçambique



Grito Negro

Eu sou carvão!
E tu arrancas-me brutalmente do chão
e fazes-me tua mina, patrão.
Eu sou carvão!
E tu acendes-me, patrão,
para te servir eternamente como força motriz
mas eternamente não, patrão.
Eu sou carvão
e tenho que arder sim;
queimar tudo com a força da minha combustão.
Eu sou carvão;
tenho que arder na exploração
arder até às cinzas da maldição
arder vivo como alcatrão, meu irmão,
até não ser mais a tua mina, patrão.
Eu sou carvão.
Tenho que arder
Queimar tudo com o fogo da minha combustão.
Sim!
Eu sou o teu carvão, patrão.

O poema “Grito negro”, de José Craveirinha, traz as marcas estéticas e históricas de uma literatura pós-colonial. De acordo com Bonnici (2005, p.35-37), essa literatura concerne a toda a produção dos povos colonizados pela Europa entre os séculos XV e XX, que retrata os efeitos do processo de colonização e descolonização.



/ (2018)

4º período – Desenvolvimento

Em relação à literatura, segundo Pires Laranjeira, o 4º período (Desenvolvimento) prolonga-se de 1964 até 1975, o que significa que acontece entre o início da luta armada de libertação nacional e a independência do país. Para o estudioso, esse período caracteriza-se pela coexistência de uma intensa atividade cultural e literária nas zonas suburbanas, apresentando textos marcadamente políticos e que tematizavam a luta armada.

Desenvolvimento – prosa de ficção

- Do início da guerra de libertação até a independência, a literatura moçambicana ampliava sua existência. Apareceram os prosistas, que foram uma espécie de divisor de águas na literatura do país.
- Os poetas e escritores da geração anterior continuaram a produzir, mas a ficção ganhou força com autores como **Luís Bernardo Honwana** (*As mãos dos pretos*) e **Orlando Mendes**.
- Em 1971, são publicados ***os cadernos Caliban (1971/1972)*** que só tiveram três números e foram dirigidos por Garabato Dias (pseudônimo de António Quadros) e Rui Knopfli.
- Nesses números, colaboraram diferentes autores moçambicanos e portugueses como Eugénio Lisboa, Jorge de Sena, Jorge Viegas, Glória de Santana, Craveirinha, Orlando Mendes, Rui Nogar, Herbeto Helder, Fernando Assis Pacheco, entre outros.
- Nesses cadernos, já se encontravam uma vocação cosmopolita e uma complexidade na abordagem das relações sociais em Moçambique.

5º período - Consolidação

- O 5º período, entre 1975 e 1992, intitulado *Consolidação*, por Pires Laranjeira, é caracterizado como um período em que não há mais dúvidas quanto à autonomia e extensão da literatura moçambicana.
- Após a independência, durante algum tempo (1975-1982), assistiu-se sobretudo à divulgação de textos que tinham ficado dispersos.
- O livro típico, até pelo título sugestivo, foi ***Silêncio escancarado*** (1982), de Rui Nogar (1935-1993), aliás o primeiro e único que publicou em vida.
- Outro tipo de **texto** que marca esse período é o **de exaltação patriótica**, do culto dos heróis da luta de libertação nacional e de temas marcadamente doutrinários, militantes ou empenhados, no tempo da independência.

Conclusão

- Moçambique é um país bastante diversificado em sua cultura. Com influência árabe, indiana, portuguesa, além da composição das diversas etnias africanas, a diversidade cultural de Moçambique é notória.
- O país recebeu uma atenção especial da metrópole apenas no século XIX, quando Portugal perdeu o Brasil. A exploração da ex-colônia, contudo, foi sistemática e, no final do século XIX, a Conferência de Berlim pôs fim aos planos portugueses de estabelecer uma ligação por terra entre as suas principais colônias na África, ocupando também o território africano situado entre os dois países.

- Malgrado a exploração sistemática, uma certa intelectualidade moçambicana se afirmava em fins do século XIX, a exemplo do que ocorrera com Angola. Contudo, a expressão de uma *moçambicanidade* só será possível em meados do século XX.
- De lá para cá, e após o processo de independência, vários poetas e prosistas moçambicanos têm dado visibilidade à cultura de seu país, alguns dos quais com obras de alcance mundial.

Nomes Contemporâneos

- Mia Couto
- Paulina Chiziane
- Aldino Muinga
- Virgília Ferrão
- Sônia Sultuane



REFERÊNCIAS

AMORIM, Cláudia. Literaturas Africanas I: volume 1. / Claudia Amorim, Christian Fischgold, Mayara Matos. – Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.

LEAL , Luciana Brandão ; ALVES, Maria Ferreira A Literatura Moçambicana. LITERÁFRICAS, ANO . Disponível em :
<http://www.letras.ufmg.br/literafr/literafricas>
/literatura-cabo-verdiana-2/1640-a-literatura-mocambicana-luciana-brandao-leali-roberta-maria-ferreira-Alves

.
RAIMUNDO , Jaynne Expedita Alves . A CONSTRUÇÃO DA MOÇAMBICANIDADE NOS CONTOS DE PAULINA CHIZIANE: ENTRE A MEMÓRIA E O HEROÍSMO. Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras, para a obtenção do título de Licenciada. 2025.